CICATRIZES QUE DOEM

Introdução:

Antes mesmo que raiasse o dia, naquela terça-feira, a pequena Mag, de apenas seis anos, saltou de sua cama e foi correndo até onde estavam seus pais, que nem sequer haviam dormido aquela noite.

1. “É hoje, mamaãe?” - perguntou ela, com toda a sua euforia infantil.

“Sim, querida! É hoje o dia” - respondeu a mãe num tom de otimismo.

“Mas, a que horas vai ser mamãe?”

“Não sabemos, filhinha. Só sabemos que será hoje.”

Mag se afastou entusiasmada a fim de se aprontar. Sua mãe lhe fizera um festidozinho branco especialmente para aquela ocasião.

O clima naquele lar era de ansiedade e expectativa. Em sua inocência infantil, Mag não conseguia compreender o significado daquela data. Naquele dia, sabia que algo diferente e extraordinário haveria de ocorrer, e ela vibrava com aquilo. Mas, sua ingenuidade de criança não permitia que ela vislumbrasse a importância e a grandiosidade plena do evento.

Seus pais, que outrora felizes ansiavam por esse momento, iam ficando mais e mais apreensivos à medida que os minutos passavam. Não haviam tido sono aquela noite, e havia várias noites que a expectativa não os deixava dormir direito.

Porém, a convicção de que tudo daria certo trazia-lhes à alma conforto e segurança. Havia já muito tempo que vinham se preparando para aquele momento, e

tinham certeza de que não se decepcionariam. Todas as providências haviam sido tomadas para que tudo saísse perfeito. Todos os detalhes haviam sido considerados cuidadosamente para que não houvesse nenhuma surpresa.

2. Embora as noites outonais fossem um pouco mais longas, aquela, em especial, parecia não ter mais fim.

Os segundos pareciam ter-se tornado em minutos, e os minutos em longas horas. O tempo parecia não passar. O relógio se tornara um instrumento de tortura, e a mente um verdadeiro campo de batalha. Mas, estavam seguros. A noite haveria de passar, e o dia haveria de raiar, raiando também a concretização de seu tão esperado e cobiçado sonho.

Seis horas da manhã. Os primeiros raios do sol começavam a surgir no horizonte, despertando a natureza adormecida. Os passarinhos começavam a cantar, as flores começavam a abrir suas pétalas, saudando o novo amanhecer.

Pai, mãe e filha saíram da casa a fim de examinar o tempo. O céu estava limpo. Tudo parecia normal. A natureza toda parecia nada saber sobre aquele acontecimento. Parecia não se importar com aquele dia.

O casal quase não conversava, apenas se entreolhavam calados, caminhavam de um lado para outro, e olhavam impacientemente para o relógio... Enquanto isso, o sol se erguia poderosamente no azul do firmamento. O dia estava muito bonito, mas nada prenunciava que algo diferente estava para acontecer.

3. Chega o momento de ir para o trabalho, e o esposo não saiu como de costume. Aliás, havia vários dias que ele não trabalhava mais: já fazia duas semanas que havia vendido seu armazém e doado todo o dinheiro aos pobres.

A mãe, nesse dia, não estava preparando o alimento como de costume. Mag não estava brincando com as coleguinhas, como o fazia sempre. Apenas estavam prontos, e aguardando o grande momento.

As horas passavam lentamente. Estavam aflitos, angustiados e, apesar da temperatura amena, grandes gotas de suor brotavam-lhes pelo corpo.

Meio dia! Tudo normal. Nada parecia estar por acontecer. O drama dessa família era enorme. Sabiam que era esse o dia. Haviam feito todos os preparativos. Tudo estava em ordem, com exceção de uma coisa: não sabiam a que horas seria o evento, e como isso os angustiava!

Esta família não era a única a passar por essa experiência.

1. A mesma ansiedade estava sendo vivida, naqueles mesmos instantes, por milhares de outras famílias e indivíduos em quase todo o território norte-americano.

Só nos Estados Unidos, cerca de cem mil pessoas haviam depositado totalmente suas esperanças naquele dia memorável. Muitas cidades estavam quase completamente paradas. Todos aguardavam, como que roendo as unhas de expectativa, o grandioso momento.

A tensão era geral, e grande demais para ser suportada. E não era para menos, pois a convicção de que o Senhor voltaria naquele dia exato havia provocado uma reação tal entre os crentes, que foi algo realmente impressionante. A consagração e dedicação que demonstraram foi surpreendente.

Os comerciantes mileritas haviam fechado seus estabelecimentos; mecânicos haviam trancado suas oficinas; empregados haviam abandonado seus empregos.

Fazendeiros haviam deixado de colher suas lavouras; as batatas foram deixadas no solo; as maçãs apodreciam nos pomares; o feno caía pelos campos.

Magistrados, professores, oficiais de justiça haviam deixado suas funções. Grandes somas de dinheiro haviam sido doadas para que os pobres pudessem liqüidar suas dívidas, bem como para a publicação de literatura que anunciava o iminente retorno do Salvador.

Impressoras a vapor haviam operado dia e noite produzindo centenas de milhares de publicações em muitas das principais cidades americanas e canadenses. Centenas de metodistas, congregacionais, presbiterianos, por toda a parte, haviam confessado suas faltas e se apressado em descer às águas batismais. Todos haviam colocado sua vida em dia com Deus! Todos haviam se preparado para o encontro com Jesus!

2. As pessoas de fora aguardavam em clima de suspense.

Milhares que nunca haviam se unido ao movimento examinavam o coração com temor de que fosse verdade. Já os mileritas estavam plenamente convencidos de que Cristo voltaria naquela data. Os cálculos proféticos haviam sido examinados, estudados e reestudados. Não tinham nenhuma dúvida de que aquele era o dia: 22 de outubro de 1844.

E o dia chegara! O grande dia chegara! Mas, algumas horas já haviam passado, e nada.

A tarde começava a se aproximar. O dia se encaminhava, agora parece que cada vez mais rápido, para seus momentos finais. A aflição de todos chegava a um ponto

insuportável. O tique-taque do relógio produzia um som estarrecedor. A respiração tornava-se cada vez mais difícil e freqüente. Milhares de olhos atônitos procuravam desesperadamente por algum pequenino sinal no céu, mas em vão.

Veio o pôr-do-sol, e aquele quadro que sempre havia sido encantador, inspirador, transmitia agora somente um estranho medo, prenúncio de que algo horrível pudesse acontecer.

As sombras do ocaso se estendiam serena e friamente por sobre a terra. A noite chegara, e suas horas passavam rapidamente. Em desconsolados lares de adventistas, os relógios iam dando as últimas badaladas daquele dia, até que assinalaram meia-noite. Vinte e dois de outubro havia terminado. Jesus não viera! Ele não voltara!

“Por que papai não veio hoje?” - desabafaram em pranto incontido os dois filhos da Sra. Fitch.

3. O pai deles, Carlos Fitch, falecera havia somente oito dias, com apenas trinta anos de idade.

Carlos Fitch era pastor da igreja Congregacional, e havia se unido decisivamente ao movimento que pregava e aguardava o iminente retorno do Salvador, principalmente após a morte trágica de quatro de seus filhos.

Certo dia, após batizar três grupos de conversos ao ar livre num dia frio e nas águas geladas de um lago, ele contraiu pneumoria, o que o levou à morte no dia 14 daquele mesmo mês.

Um periódico havia relatado que sua viúva e os dois filhos órgãos estariam agora em Cleveland, aguardando confiantemente a vinda do Senhor para reunir os membros espalhados da família. Não é difícil de imaginar os dois filhos sobreviventes perguntando em meio às lágrimas após o funeral: “Mamãe, nós veremos papai novamente?”

“Sim, queridos” - respondia corajosamente a Sra. Fitch. “E poucos dias, quando Jesus retornar, Ele despertará papai e seus irmãos adormecidos também, e então seremos uma família completa e feliz outra vez, para sempre!”

Na noite de segunda-feira, 21 de outubro, as crianças perguntaram: “Mamãe, amanhã tornaremos a encontrar papai?”

“Sim, queridos!”

E na noite do dia seguinte, terça-feira, depois de passar um dia e meio a uma estranha combinação de angústia e segurança, aflição e esperança, as lágrimas do desespero rolaram-lhes pela face, e, soluçando, perguntaram: “Por que papai não veio hoje?”

II. Essa, porém, não era a única família nessas condições.

1. Havia muitas outras cujos filhos ou pais haviam morrido de tuberculose, cólera, além de pneumonia e outras doenças fatais. Muitos antecipavam uma alegre reunião quando Jesus viesse novamente. Mas Ele não voltara.

Os crentes não conseguiam aceitar os fatos. “No que erramos?” - clamavam eles no mais completo desespero. A decepção fora grande demais! Cruel demais! Era como se um enorme peso esmagasse-lhes o coração e arrancasse dele o próprio sentido da vida.

As profecias haviam sido estudadas cuidadosamente. Cálculos e mais cálculos haviam sido feitos. Tão seguros estavam de sua exatidão que a desilusão de praticamente todos assumiu proporções verdadeiramente indescritíveis.

Sentiram-se traídos pelas próprias convicções! Enganados pelas próprias crenças! A idéia de que ainda deviam continuar por mais algum tempo neste mundo miserável enchia-os de terror. Todos choraram como crianças. Muitos não mais possuíam casas a que retornar, pois haviam vendido tudo o que tinham - casas, lojas, fazendas - e doado o dinheiro aos pobres e à obra.

E, como se tudo isso não bastasse, ainda tinham que aturar severas e pesadas críticas e zombarias da população em geral, inclusive dos órgãos de imprensa. Um jornal de Baltimore, na edição do dia 23 de outubro, declarou o seguinte:

"O mundo ainda nega fogo. O velho planeta continua em sua rota, apesar dos esforços feitos para impedi-lo a continuar. Os 'crentes' desta cidade, depois de ficarem acordados algumas noites, vigiando e fazendo barulho como serenata de gatos no telhado, foram para a cama e resolveram tirar uma soneca. Façamos votos que eles acordem seres racionais!"

Não é sem razão que 22 de outubro de 1844 passasse para a história como o dia do "grande desapontamento"!

Quão dolorosa não foi essa experiência para aqueles adventistas! Quão cruel, quão amarga não foi a decepção!

2. Abramos a Bíblia e vejamos de que forma o grande desepontamento fora predito.

Apocalipse 10:8-10

Quando os crentes dos últimos séculos, em especial o século passado, começaram a estudar e a compreender melhor o livro do profeta Daniel (o livrinho aberto mencionado nesta passagem), o qual estivera selado desde os dias de sua composição segundo Daniel 12:4, um novo entusiasmo tomou conta deles.

O estudo das profecias, particularmente a dos 2.300 anos de Daniel 8:14, fez com que milhares deles vibrassem de alegria pois concluíram que a purificação do santuário ali mencionada dizia respeito a este mundo, e que isso se daria em 22 de outubro de 1844, exatamente em seus dias.

Era a doçura do mel! Era o sabor agradável da emoção! Era o cumprimento da "bendita esperança" (Tito 2:13), que já se prolongava por mais de 1800 anos, desde a ascensão de Cristo! Era a certeza de que finalmente Ele voltaria, e que aquela geração era a que haveria de encontrá-lo nas nuvens do céu!

Mas, o dia passou, e o desapontamento foi muito maior do que podemos imaginar. Foi o amargor da alma! Foi o sabor da decepção! Foi a triste realidade que tiveram de "engolir", a seco!

Hirã Edson, um dos que passara pela dolorosa experiência, escreveu: "pude ver que a visão havia falado e não mentira; ... tínhamos comido o livrinho; havia sido doce em nossa boca e agora tornara-se amargo em nosso ventre, amargando todo o nosso ser."

3. E hoje, exatamente hoje, 22 de outubro de 1994, o grande desapontamento completa 150 anos!

E o que devemos fazer? Celebrar esta data? Creio que não! Ninguém, em sã consciência, celebra uma desventura. Devemos então ignorá-la? Ou mesmo procurar acobertá-la para que ela não traga nenhum descrédito para o nosso movimento? Também creio que não, embora alguns adventistas talvez preferissem fazê-lo, por se sentirem um pouco desconfortáveis com esse capítulo de nossa história passada.

Não devemos, porém, esquecer-nos de dois pontos muito importantes. O primeiro é que esse não foi o único desapontamento experimentado pelo povo de Deus. Pensemos, por exemplo, no desapontamento ainda maior dos discípulos e de muitos outros diante da morte de Jesus na cruz. Nem por isso nos envergonhamos hoje de ser cristãos, ou seria o cristianismo uma religião desacreditada.

O segundo ponto é que o grande desapontamento ocorreu não porque Deus tenha falhado em cumprir a promessa de Sua vinda, mas os mileritas é que deixaram de compreender o sentido correto da profecia de Daniel, muito embora o cômputo estivesse certo.

Deus, porém, não permitiu que Seu povo permanecesse nas trevas da incerteza e da decepção por muito tempo. Logo na manhã seguinte, dia 23, Hirã Edson teve como que uma visão vinda dos céus, e o detalhe vital, no qual haviam errado, foi esclarecido. O santuário a ser purificado não estava na Terra, como pensavam, e, portanto, a profecia não tinha que ver com o retorno de Cristo para purificar o mundo e julgar a igreja, e sim com a obra de julgamento que ocorreria no céu antes da vinda de Cristo.

Mas, nem todos chegaram a essa compreensão. Após o desapontamento, o movimento milerita se fragmentou; muitos abandonaram a fé; uns poucos passaram a

alegar que Cristo havia vindo, mas de forma invisível; outros continuaram marcando novas datas para a vinda de Cristo; e outro grupo, o que aceitou a luz sobre o santuário celestial, foi o que deu origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

E, depois da doutrina do santuário, veio o Espírito de Profecia; veio o sábado; veio a mensagem de saúde; a igreja se organizou do ponto de vista administrativo; os primeiros missionários além-mares começaram a ser enviados; a partir de 1888, a doutrina da justificação pela fé, por alguns anos quase esquecida, voltou a ser enfatizada.

A igreja se expandiu, veio a obra educacional; a obra médico-missionária a obra de publicações sempre desempenhando o seu importante papel; veio a ADRA; a Rádio Mundial, e inúmeros outros programas radiofônicos e relevisivos; somos hoje cerca de oito milhões de adventistas; estamos presentes em mais de duzentos países em todo o mundo.

III. Mas, e a volta de Cristo?!

1. Mesmo tendo compreendido que Daniel 8:14 se referia à obra de Cristo no santuário celestial, e não ao Seu retorno à terra, os nossos pioneiros continuaram a crer no iminente retorno de Cristo.

É importante salientar que o grande desapontamento demonstrou que a interpretação que Miller dera à profecia de Daniel é que estava parcialmente equivocada, e não que a doutrina da volta de Cristo era uma falácia.

Mesmo um leitor ocasional poderá notar, sem maiores dificuldades, que a ênfase da Bíblia está no fato de que o amorável e todo-poderoso Deus não deixará que a maldade

reine soberanamente sobre a terra para sempre; que algum dia Ele vai operar uma mudança.

E não poderia ser diferente, pois além daquilo que pode ser prontamente deduzido de todas as coisas que a Bíblia fala acerca de Deus, há também o fato de que somente o Novo Testamento menciona a volta de Jesus cerca de trezentas vezes!

Jesus prometeu: "Quando eu for..., voltarei" (João 14:3)

Anjos disseram: "Esse Jesus... virá do modo como o vistes subir" (Atos 1:11)

Pedro falou do tempo em que "o Supremo pastor se manifestar" (I Ped. 5)

Paulo disse: "O mesmo Senhor... descerá dos céus" (I Tess. 4:18)

João declarou enfaticamente: "Eis que vem com as nuvens" (Apo. 1:7)

Além disso, não só os apóstolos o fizeram, mas também o próprio Jesus falou dos sinais que precederiam Sua segunda vinda. E aqui, em particular, o escurecimento do sol e da lua de 1780 e a extensa chuva de meteoros incandescentes de 1833 cumpriram de forma impressionante a profecia de Mateus 24:29, não deixando nenhuma dúvida de que o Senhor estava prestes a voltar.

2. Não! Miller não estava errado ao pregar a segunda vinda! Pelo contrário, ele estava indiscutivelmente certo!

Assim, mesmo apesar do desapontamento, os nossos pioneiros continuaram a pregar o iminente retorno de Cristo. Logo de início, porém, não faltou quem manifestasse postos de vistas extremos.

O próprio Tiago White, por exemplo, por exemplo, um dos líderes do movimento achava que não havia tempo sequer para pensar em casamento. Dar esse passo era, na sua opinião, sinal de descrença no breve retorno de Cristo. E quando um casal Adventista anunciou que se casaria em breve, Tiago White disse que eles haviam "negado a sua fé", e que isso era mais uma das muitas "ciladas do diabo".

Um ano mais tarde, porém, o próprio Tiago White se casou com a jovem Elen Harmon, e não pode evitar que alguns irmãos o acusassem de também ter negado a sua fé e foi esse espírito que prevaleceu por cerca de uma década após o desapontamento. Somente então foi que os Adventistas começaram a pensar em fazer algo mais do que apenas orar. O estudo das Escrituras levou-os à conclusão de que embora em 22 de outubro de 1844 Cristo iniciasse Sua obra no segundo compartimento do santuário celestial, Sua obra no primeiro compartimento não estava de todo encerrada e, portanto, ainda havia oportunidade de salvação para os pecadores.

Mas, para que houvesse estímulo para o trabalho evangelístico, era necessário que abandonassem aquele imediatismo inicial. Se continuassem com a íntima convicção de que Cristo viria dentro de poucos dias, por que haveriam de elaborar planos de evangelismo, construir escolas, hospitais, casas publicadoras e outras instituições?

E foi assim que os primeiros adventistas, enquanto aguardavam o breve retorno de Cristo, não fizeram disso uma desculpa para nutrir uma religião contemplativa e ociosa, mas lançaram-se ao trabalho, movidos por um senso de missão e um desejo intenso de terminar a obra do Senhor.

3. Hoje, o nosso desafio é o mesmo que o dos pioneiros: reconhecer os sinais e ser levados a prepararmos, sem cair no fanatismo que requer cumprimento imediato, ou no cepticismo que duvida da Palavra de Deus.

Alguns anos atrás conheci um jovem casal adventista que dizia não haver mais tempo para terem filhos, pois Cristo já estava para voltar. Hoje, estão separados, e o marido parece que completamente fora da igreja.

Também não é o caso de cruzarmos os braços como se a volta de Cristo estivesse num futuro muito distante, o que, aliás, parece estar acontecendo com muitos adventistas modernos. É verdade, temos que compreender que, se por um lado Cristo virá em breve, por outro há uma obra que nos compete realizar neste mundo antes que Ele venha. Em outras palavras, o senso de urgência deve estar vinculado ao senso de missão.

Assim aconteceu com os pioneiros, e foi por essa razão que eles acusaram, na década de 1870, um crescimento anual da ordem de 11,1%, quase o dobro daquele que se verifica hoje. Se a mesma taxa de crescimento tivesse sido mantida, em vez dos cerca de oito milhões de membros, estaríamos hoje com nada menos que dois Bilhões de membros, ou seja um adventista para cada três habitantes do planeta.

Não! Ainda não chegou o tempo de depor as ferramentas de trabalho, vender tudo, e fugir para as regiões desoladas da terra, passando o tempo todo em reuniões de oração e louvor. O povo de Deus precisa continuar trabalhando. Ainda há muito que ser feito, e o tempo se escoa rapidamente.

Trabalhem até que Eu volte, disse Cristo (Luc. 19:13), e enquanto é dia, porque a noite logo se aproxima (João 9:4). A urgência não deve diminuir o esforço, e nem a espera, o entusiasmo. É assim que devemos aguardar a volta de Cristo.

V. Mas, eu volto à pergunta: e quanto à volta de Cristo?

1. Quando, afinal de contas, Ele virá? Será logo, ou ainda poderá demorar mais 150 anos?

Toda essa demora que estamos amargando não nos coloca numa situação um pouco incômoda? Devemos continuar insistindo que Jesus voltará "em breve"? Não seria a ênfase na "brevidade" do tempo uma artimanha? Apenas um truque, uma espécie de manipulação futurista? Acusação de que já fomos vítimas certa vez num dos mais influentes periódicos do país.

Poucos meses atrás, encontrei-me com um tio que já não via havia vários anos. Ele sempre fora um membro fiel a Deus, mas fiquei muito serpreso quando me perguntou: "Você ainda acredita que Jesus vai voltar 'logo'? Eu ouço isso desde pequeno. Hoje, já sou avô, e até agora Ele não voltou."

O que dizer para a igreja hoje? Qual é a mensagem que, honestamente, temos que pregar?

Em primeiro lugar, devemos nos lembrar de que não foi a Igreja Adventista que inventou o conceito da "breve" volta de Cristo. Não foram os nossos pioneiros. Também não foi Guilherme Miller. Tampouco foram os apóstolos. O próprio Senhor Jesus foi quem prometeu que voltaria "em breve", logo após à grande tribulação do povo de deus durante o período da supremacia papal.

Mateus 24:29-31

2. O longo período da supremacia papal, que de acordo com Daniel 7:25 duraria 1.260 anos, terminou exatamente no ano de 1.798, quando o general francês Berthier levou prisioneiro o Papa Pio VI.

Por essa época, disse Cristo, ocorreriam sinais no sol, na lua e nas estrelas, anunciando Seu breve retorno. E esses tremendos sinais no céu ocorreram no tempo exato anunciado pela profecia. Como já disse anteriormente, o escurecimento do sol e da lua se deu em 1.780, e a queda das estrelas, em 1.833.

Então - acrescentou Cristo - "aparecerá no céu o sinal do filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória."

O evangelho de Lucas acrescenta uma declaração ainda mais enfática:

Lucas 21:28:

De acordo com o livro de Apocalipse (6:12,13), esses sinais ocorreriam por ocasião da abertura do sexto selo, ou seja o último selo, os últimos eventos antes do retorno de Cristo.

Não! Nossos pioneiros não estavam errados ao pregar que Cristo voltaria "em breve". Ele próprio assim o dissera, e muitos outros textos poderiam ser usados para demonstrar esse fato.

3. O ponto em questão, portanto, é saber "quão breve" Ele virá. Ou seja, como devemos entender essa brevidade.

Seria o espaço de dez, vinte, trinta anos? Já passaram 150 anos desde 1.844, e quase duzentos desde 1.798!

O apóstolo Pedro declara: "Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia." (II Ped. 3:8)

Esse versículo é muito importante. Nele, o apóstolo está justamente querendo dizer que, para Deus, à luz de Sua eternidade, um dia não é um período de tempo mais breve que mil anos, e nem mil anos mais tardo que um dia.

Em outras palavras, brevidade ou tardança, para Deus, não tem nada que ver com a contagem do tempo, como para o homem. E é por não compreender isso que há tantos crentes preocupados, e alguns inclusive abandonando a fé, por acharem que não há mais razão para esperar a segunda vinda, visto que duzentos anos é tempo mais que suficiente para que Jesus voltasse.

Quando Jesus falou que voltaria "em breve", creio que Ele estava pensando mais na transitoriedade da vida humana do que propriamente num período de tempo qualquer, seja ele grande ou pequeno.

Tiago 4:14

Quanto tempo vive um homem? Setenta, oitenta anos? E aqueles que morreram com vinte, trinta, quarenta anos? Sabiam eles que viveriam tão pouco assim? Queriam eles viver tão pouco assim?

Quanto tempo viveremos nós? Irmãos, é exatamente porque nossa vida é transitória, porque nada sabemos acerca do amanhã, que não podemos ouvir outra coisa senão que Jesus virá em breve.

A ênfase da Bíblia é sempre no "tempo que se chama hoje" (Heb. 3:13), porque o adiamento de nosso preparo representa um risco alto demais. O amanhã, para nós poderá não existir. É por isso que o apóstolo insiste: "Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações." (Heb. 3:15)

Isso significa que Jesus, na realidade, ainda pode levar outros duzentos anos, ou mesmo mais, para cumprir a promessa de Sua volta?

1. Significa que pode sim senhores! Mas, não que ele precise de tanto tempo assim.

Ele pode porque, como já disse brevidade ou tardança para Deus não significam necessariamente um período de tempo, grande ou pequeno. Mas, não precisa porque mesmo em pouco tempo Ele é capaz de operar grandes transformações no cenário político, social e religioso de nosso mundo.

Que dizem os sinais à nossa volta? E gostaria de chamar a atenção dos irmãos para os sinais pertinentes à nossa geração de forma bem específica, e não ao terremoto de Lisboa, ao escurecimento do Sol e da Lua, ou a queda das estrelas. Esses foram os sinais para os nossos pioneiros e, a despeito de sua relevância histórica, para muitos hoje eles não passam de peças de museu.

Não me refiro também aos sinais digamos - tradicionais, como guerras, epidemias, fome, secularismo, o aumento da violência e da imoralidade, o desequilíbrio ecológico, a

falência da economia mundial, os desastres nos meios de transportes, enfim... sinais importantes, não há dúvidas, mas que quase não nos impressionam mais porque nos acostumamos a eles. Aliás, é exatamente por isso que nos últimos anos tem-se pregado menos sobre a volta de Jesus. Movidos por um cego imediatismo, insistimos nesses sinais tradicionais, e eles pouco a pouco foram perdendo o seu efeito sobre nós. Esquecemo-nos de que os sinais são progressivos e deixamos de atentar para aqueles que dizem respeito especificamente a nós.

2. Que sinais são esses? Refiro-me por exemplo, aos sinais de Apocalipse 13.

O primeiro deles é a ascensão do papado: a liderança mundial de João Paulo II cada vez mais reconhecida; o novo catecismo católico e as mudaças nele introduzidas, como a aceitação da pena de morte e da guerra justa; a última encíclica papal, a décima de João Paulo II, na qual ele reafirma, principalmente, sua suprema autoridade para interpretar a Palavra de Deus, levando alguns críticos inclusive a falar numa volta à inquisição; e a retomada da consciência evangelística pela Igreja Católica, como o projeto Lumen 2.000, que visa a evangelizar o mundo para o catolicismo até o ano 2.000 - no Brasil, o projeto envolve a implantação da RVT (Rede Vida de Televisão), que cobrirá todo o território nacional e estará no ar 24 horas por dia.

O segundo sinal é a polarização do poderio militar mundial nas mãos dos Estados Unidos, desde a derrocada do império Soviético. Mais e mais a nação americana se firma como uma espécie de “polícia do mundo”.

O terceiro é a mudança do perfil ideológico da Suprema Corte dos Estados Unidos. Quando o ex-presidente Ronald Reagan assumiu o poder, em 1.980, havia na

Suprema Corte oito juizes liberais, contra apenas um conservador. Hoje, existem somente dois liberais, contra sete conservadores.

O quarto sinal é a crescente discussão, também nos Estados Unidos, quanto ao novo direito ou seja o aumento das pressões governamentais e mesmo civis para que a “primeira emenda” Constitucional que preconiza a separação entre a Igreja e o Estado, seja reiterpretada, de modo a restringir, em muitos aspectos, a liberdade individual de cada cidadão. E a mudança do perfil da Suprema Corte é o ensejo para que isso venha a ocorrer.

E o último sinal é a aproximação cada vez maior entre o governo norte-americano e a igreja católica romana, o que começou oficialmente dez anos atrás, quando os Estados Unidos reconheceram o Vaticano como nação. Qual será o clímax dessa aproximação?

Apocalipse 13:12, 14, 15 (comentar)

“Por um decreto que visará impor uma instituição papal em contraposição à lei de Deus, a nação americana se divorciará por completo dos princípios da justiça. Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma das mãos ao poder romano e a outra ao espiritismo, quando por influência dessa tríplice aliança a América do Norte for induzida a repudiar todos os princípios de sua constituição, que fizeram dela um governo protestante e republicano, e a adotar medidas para a propagação dos erros e falsidades do papado, podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo. Como a aproximação dos exércitos romanos foi um sinal para os discípulos da iminente destruição de Jerusalém, assim essa apostasia será para

nós um sinal de que o limite da paciência de Deus está atingido." (Test. Sel. Vol. II, pp. 150, 151).

"A substituição da lei de Deus pelas dos homens, a exaltação, por autoridade meramente humana, do domingo, posto em lugar do sábado bíblico, é derradeiro ato do drama. Quando essa substituição se tornar universal, Deus se revelará." (Test. Seletos vol. III, pp. 142, 143).

3. Quanto tempo será necessário para que isso finalmente ocorra?

Lembro-me de quando ainda namorava a Eliane, o pai dela me perguntou certa vez sobre como que a União Soviética se encaixava em todo esse esquema profético. Na época, eu lhe disse que isso ainda era um mistério. Quanto tempo Deus precisou para desmantelar a União Soviética e resolver esse mistério? Aquele que parecia ser um dos mais sólidos impérios que este mundo já viu desmoronou em menos de cinco anos, e praticamente sem o uso da força.

Não, irmãos! Embora Cristo ainda possa levar muitos anos para voltar, Ele não precisa de muito tempo para que isso ocorra, e creio sinceramente que Sua volta se dará ainda em nossos dias.

Não estou querendo com isso parecer mais piedoso do que ninguém; tampouco estimular o zelo cego e imediatista que condenei minutos atrás. Mas, pela observação dos eventos que nos cercam, sou particularmente levado a crer que somos a última geração de adventistas. Deus não precisa de muito tempo, e temos também o testemunho da Sra. White que, ao se referir a essas últimas profecias, declara repetidas vezes que elas haveriam de se cumprir numa seqüência bastante rápida. (cf. R&H, 18/02/1890).

Conclusão:

Não, irmãos! Não temos mais muito tempo! Não viveremos mais muito tempo neste mundo!

1. O que estamos vendo hoje à nossa volta, sem dúvida alguma, são os prelúdios do cumprimento das últimas profecias que precedem a volta de Cristo.

Mas, também não temos muito tempo principalmente porque não sabemos o que o futuro nos reserva. Nada sabemos quanto ao que será de nós amanhã, daí que a volta de Cristo pode não estar mais longe para cada um de nós do que o nosso próximo amanhecer.

Não estou querendo parecer trágico, mas algum dia haveremos de constatar que milhares, quem sabe milhões de decisões adiadas para o dia seguinte vieram a se transformar numa eternidade de frustração e remorso.

É por isso que a Sra. White declara: "Devemos vigiar e trbalhar e orar como se este fosse o último dia que nos fosse concedido." (Test. Sel. II, 60)

2. A espera tem sido longa demais, não é verdade?

O desalento pode até já ter batido em nosso coração, levando-nos a temer por um novo desapontamento. Com freqüência, lembro-me daquelas palavras: "Você ainda acredita que Jesus vai voltar 'logo'?"

São as cicatrizes de 1844 que ainda doem e tentam nos demover de nossa fé!

Desta vez, porém, não seremos desapontados! Dentro em breve Cristo verá, e será para nós qual um bálsamo precioso, o Bálsamo de Gileade, a curar não só as feridas do

grande desapontamento, mas também a todas as demais feridas e marcas que o pecado deixou em nós.

Só mais um pouco, irmãos, e nossa jornada estará finda! Só mais um pouco e a coroa da vitória estará em nossas mãos! Já viemos até aqui, não é mais tempo de desistir!

Numa bonita passagem, a Sra. White faz o seguinte apelo:

“Companheiro peregrino, nós estamos ainda em meio às sobras e tumultos das atividades terrenas; mas logo nosso Salvador deverá aparecer para nos dar livramento e repouso. Olhemos pela fé ao bendito futuro, tal como a mão de Deus o pinta. Aquele que morreu pelos pecados do mundo, está franqueando as portas do Paraíso a todo que nEle crê. Logo a batalha estará finda, e a vitória ganha. Breve veremos Aquele em quem se tem centralizado nossas esperanças de vida eterna. Em Sua presença as provas e sofrimentos desta vida parecerão como se nada fora.

“Olhai para cima, olhai para cima, e permiti que vossa fé cresça continuamente. Permiti que esta fé vos guie pelo caminho estreito que leva através das portas da cidade para o grande além, o vasto e ilimitado futuro de glória que há para os redimidos.” (Prof. E Reis , 731, 732)